

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO CARLOS ALBERTO
9—12 MAIO 2024

Depois das Zebras

texto e encenação

Pedro Gil

qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

em cocriação com:

interpretação
Carla Gomes, Cirila
Bossuet, Cláudio de
Castro, João Estima,
Pedro Gil, Raquel Castro

figurinos
Catarina Graça

costura
Rosário Balbi

apoio à construção
das máscaras
Rute Reis

desenho de luz
Daniel Worm d'Assumpção

cenografia
Joana Subtil

execução de arte
Rui Geifão

som e música
Pedro Costa

apoio à encenação
Diogo Andrade

apoio à dramaturgia
Raquel Castro

direção de produção
Ana Gusmão

gestão e administração
Mariana Venes

comunicação
João Leitão

coprodução
Razões Pessoais, São Luiz
Teatro Municipal, Teatro
Municipal de Ourém,
Teatro Nacional São João

residência artística
(estúdio de criação)
Ana Arinto, Diogo Andrade,
Katrín Kaasa, Mário
Coelho, Paulo Pinto, Sara
Inês Gigante, Tónan Quito

estreia
18 Nov 2023
Teatro Municipal
de Ourém

dur. aprox. 1:45
M/12 anos

Conversa com a
Mónica + Língua
Gestual Portuguesa
11 mai

“Imaginar outro real”

Conversa com PEDRO GIL*

Ainda sem ter visto o espetáculo, mas depois de ler o texto da peça, fiquei com esta dúvida: que história surgiu primeiro – a da utopia condenada ao fracasso ou a da família condenada ao desentendimento?

A ideia que fez com que já não houvesse volta atrás foi a de um assalto que alterava a relação convencional entre hóspedes e funcionários. E depois do regresso à suposta normalidade havia um grupo de pessoas que, de forma misteriosa, queria unanimemente continuar no novo normal em vez de regressar ao normal antigo. A família só fez check-in depois...

Começou tudo na utopia, então.

Se aconteceu não foi utopia... A menos que não conte por ser ficção. Mas, sim, tudo começou a partir dessa grande improbabilidade. A família portuguesa surgiu para contar essa história. Gosto de histórias que se contam com várias histórias e todas fazem parte do mesmo quadro. A família surgiu pela impermeabilidade ao que se passa ao seu redor. A pessoa indiferente ao tsunami pode fazer tanto parte da história do tsunami como todas as que correm para os sítios altos ou são arrastadas pelas águas.

Mas essa possibilidade já não vem carregada de grande fé e esperança, pois não?

Se falarmos de esperança no seio da ficção, acho que está carregadinho de esperança, de outra forma não teria sucedido tudo o que sucedeu. Ao menos que haja lugar para a esperança na ficção. Que ao menos a arte, na sua relação com o real, possa ser o lugar da inocência. E tantas vezes consegue ser o lugar capaz de nos imaginar outro real. Talvez se refira ao fim das coisas. O fracasso surge porque as coisas acabam? Mas e enquanto duraram? O facto de as coisas acabarem não lhes tira o mérito de terem acontecido. Para o bem e para o mal. Tal como podemos valorizar os horrores do passado para que nos sirvam de lição para o futuro podemos valorizar as coisas boas que vivemos e que acabaram. Podemos ser felizes por uma noite, viver em democracia dez anos, viver em pé de igualdade por três horas, pode não haver racismo neste preciso momento num determinado lugar. E se aconteceu pode voltar

a acontecer. Isto é para os dois lados, por isso a democracia está sempre em risco, podemos vir a viver pior do que vivemos. Muitas coisas incríveis aconteceram no passado ou estão agora a acontecer noutros lugares. A vida não foi sempre assim como a conhecemos, nem conseguimos prever que o nosso presente ia ser assim, o mais provável é não sabermos como vai ser o futuro. É um dos atrativos de se estar vivo, mas também de quem vive da ficção, o facto de que existe futuro. Pode ser o que dele fizemos.

Usou a palavra “inocência”, talvez seja a melhor para descrever a crença na possibilidade de igualdade...

Atrai-me a inocência como motor narrativo, dramático. Não me refiro à inocência como ignorância. Essa é perigosa. Refiro-me à inocência que é sábia, que torna a personagem mais permeável à mudança, menos cínica perante aquilo que julgava conhecer. Saber e inocência não são incompatíveis. Talvez seja fruto daquele saber que nada sei. Falo da inocência corajosa e consciente que leva a personagem a aproximar-se de outra apesar da História lhe dizer que não o deve fazer. Capaz de ver e dar a ver as coisas de outra maneira. Claro que tem sempre uma dose de imprudência. Faz parte do seu charme. É sempre um risco. Aqui ela parece surgir de forma mágica da fraternidade entre hóspedes e funcionários que se encontram numa situação adversa.

Em cena brincam com línguas inventadas. Porquê essa opção?

A forma como representamos os idiomas foi inventada por nós, mas pertence a uma tradição teatral, a *grammelot*, que representa uma língua criando uma outra língua, com mais ou menos lógica intrínseca, com sonoridade semelhante e que pode, ou não, querer dizer coisas. É uma técnica muito antiga, diz-se que foi inventada para as companhias poderem fazer itinerância por terras estrangeiras, onde nunca se conseguiriam fazer entender através da fala, e para poderem dizer coisas ofensivas sem serem realmente acusadas de ofensa. Não foi o caso. Usámo-lo por outras razões. E é muito divertido fazê-lo. Nós divertimo-nos.

* Excerto de entrevista realizada em fevereiro 2024 por Gabriela Lourenço / Teatro São Luiz. Versão completa disponível no *site* do São Luiz.

O nosso tempo é o tempo de todos.

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira
Telma Moreira

som
Joel Azevedo
coordenação
João Pedro Soares
Pedro Almeida

vídeo
Fernando Costa

língua gestual portuguesa
CTILG, Lda.

Razões Pessoais é uma companhia de teatro residente no espaço da Companhia Olga Roriz em Lisboa e apoiada pela República Portuguesa/ Direção-Geral das Artes.

APOIOS

CRS advogados, Companhia Olga Roriz, Deixa o Amor Passar, Lindo Serviço - Produções & Design, Luís Lemos cabeleiros, Santos Monteiro & Cª, Lda.

AGRADECIMENTOS

São Luiz Teatro Municipal

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Estelle Valente

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

APOIOS À DIVULGAÇÃO



COMBOIOS DE PORTUGAL



Jornal de Notícias



STCP

98.9 Nova



REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA



razões pessoais

SÃO LUÍZ
TEATRO MUNICIPAL

EGEAC

TMO
TEATRO MUNICIPAL DE OURENSE

BPI

Fundação la Caixa

